

Violeta Virginia Rodrigues

CLÁUSULAS SEM NÚCLEO EM PORTUGUÊS

desgarramento ou insubordinação?



CLÁUSULAS SEM NÚCLEO EM PORTUGUÊS

desgarramento ou insubordinação?

CONSELHO EDITORIAL

André Costa e Silva

Cecilia Consolo

Dijon de Moraes

Jarbas Vargas Nascimento

Luis Barbosa Cortez

Marco Aurélio Cremasco

Rogério Lerner

VIOLETA VIRGINIA RODRIGUES

CLÁUSULAS SEM NÚCLEO
EM PORTUGUÊS
desgarramento ou insubordinação?

2021

Cláusulas sem núcleo em português: desgarramento ou insubordinação?

© 2021 Violeta Virginia Rodrigues
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Aline Fernandes

Diagramação e capa Laércio Flenic

Revisão de texto Samira Panini

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cláusulas sem núcleo em português: desgarramento
ou insubordinação? / Violeta Virginia Rodrigues --
São Paulo: Blucher, 2021.
80p.

Bibliografia
ISBN 978-65-5550-054-7 (impresso)
ISBN 978-65-5550-055-4 (eletrônico)

Open Access

1. Linguística 2. Língua portuguesa I. Título

21-0405

CDD 410

Índices para catálogo sistemático:
1. Linguística



Uma homenagem à Maria Beatriz Nascimento Decat

À minha Mãe! Exemplo de tudo. Muita sabedoria!

À Fatima e ao Waltinho, sem vocês nada disso
teria sido possível. Muita gratidão!

À Elenice, minha inspiração. Sempre!

Ao Joaquim, que sempre está ao meu lado! Muito Amor!

BREVE APRESENTAÇÃO DO LIVRO

Com base nos resultados de trabalhos desenvolvidos no âmbito do grupo de pesquisa *Usos de Conectores e Articulação de Cláusulas*, pretendo discutir se o fenômeno de cláusulas sem núcleo e que constituem uma única unidade de informação são casos de desgarramento ou de insubordinação na Língua Portuguesa (cf. DECAT, 1999, 2001, 2011; RODRIGUES, 2011, 2019; STASSI-SÉ, 2012; SILVESTRE, RODRIGUES, 2014; RODRIGUES, SILVESTRE, 2017, sobre desgarramento; EVANS, 2007; MITHUN, 2008; VERSTRAETE, D'HERTEFELT, VAN LINDEN, 2012; CRISTOFARO, 2016; HIRATA-VALE, 2018, sobre insubordinação). São consideradas desgarradas as cláusulas que constituem por si mesmas unidades de informação à parte e insubordinadas aquelas que são empregadas como independentes. Para alcançar tal objetivo, adoto como suporte teórico o funcionalismo clássico em diálogo com outras perspectivas analíticas, quando necessário. Os *corpora* são diversos – ora são utilizados dados do *Facebook*, ora dos trabalhos que serão revisitados – a fim de retratar a língua em uso. Embora pelo Sumário se visualizem vários itens, a organização do livro engloba quatro grandes eixos: o primeiro envolvendo os dois primeiros itens do *Sumário* e que dizem respeito à apresentação do fenômeno do desgarramento e à abordagem dada a ele pela precursora dos

estudos desse fenômeno no Brasil, Decat (1999, 2011). O segundo, envolvendo do terceiro ao sexto item, em que apresento os trabalhos realizados sobre o fenômeno no âmbito do grupo de pesquisa *Usos de Conectores e Articulação de Cláusulas*, desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O terceiro, constituído do sétimo ao nono item, em que se aborda uma outra maneira de tratar o fenômeno de orações desvinculadas sintaticamente de suas principais – a insubordinação. O quarto e último eixo, referente ao décimo item, em que, à guisa de conclusão, respondo à pergunta título dado ao livro. No entanto, antes de começar a apresentar cada um dos itens do *Sumário*, farei um breve relato de como o envolvimento com o tema do desgarramento ocorreu. Para isso, pontuo alguns episódios extraídos de meu Memorial para Promoção a Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que foi avaliado no dia 19 de agosto de 2020. O conteúdo discriminado no *Sumário*, por sua vez, é fruto da Conferência proferida no dia 20 de agosto, que também fez parte do processo de avaliação para Promoção a Titular na mesma instituição.

FRAGMENTOS DE UM MEMORIAL

Como dito antes, as informações a serem explicitadas aqui integraram o Memorial para Promoção a Titular e recobriram o período de 2012 a 2019 de minhas atividades profissionais.

No período de agosto de 2012 a abril de 2013 consegui uma licença de seis meses para um estágio de pós-doutorado. Durante os seis meses de minha Residência Pós-Doutoral, sob supervisão da Professora Doutora Maria Beatriz Nascimento Decat, no âmbito do Projeto de pesquisa *Gramática e interação*, desenvolvido pela docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), desenvolvi o Projeto *A expressão da comparação de igualdade em Português*.

O foco desse Projeto era descrever o(s) uso(s) de conectores comparativos na língua escrita do Português Brasileiro. Assim, adotando o Funcionalismo Clássico e a Linguística Textual como aportes teóricos, analisaram-se os conectores que introduzem as orações comparativas em Língua Portuguesa, contrastando os usos previstos pela Gramática Tradicional e os usos produzidos pelos falantes em situações reais de interação. Nesse sentido, o item empregado para ligar uma oração à outra é um indicador da relação de comparação, assumindo, assim, um importante papel. Nesse Projeto, identificaram-se itens não conjuncionais

ligando orações e estabelecendo a relação comparativa, tais como *feito, igual, tipo e que nem*.

O *corpus* com o qual estava trabalhando para o desenvolvimento do Projeto *A expressão da comparação de igualdade em Português* era o dos roteiros de cinema e nele me chamou atenção o uso desgarrado de algumas dessas comparativas introduzidas por *como* e *que nem*. Surgiu, então, o interesse de pesquisar o tema das comparativas desgarradas. Embora o fenômeno do desgarramento tenha sido primeiramente abordado no Brasil por Beatriz Decat, que era minha supervisora de pós-doutorado, e eu já conhecesse seus trabalhos sobre o assunto, esse não foi o meu objetivo nesse período.

Terminado o estágio pós-doutoral, comecei a desenvolver meus primeiros trabalhos sobre o desgarramento, explorando um aspecto de análise diferente em relação ao da precursora do fenômeno no Brasil – o meu *corpus* e o tratamento dado a ele. Como a linguista adotou a noção de unidade informacional para caracterizar as desgarradas, valendo-se do conceito de Chafe (1980), minha investigação foi no sentido de verificar se realmente as desgarradas constituíam uma unidade informacional na fala, já que o *corpus* de Decat (1999, 2011) era de língua escrita. Como não havia tempo hábil de constituir um *corpus* de língua oral espontânea, os roteiros me permitiram dar um tratamento prosódico aos dados, porque além do texto escrito pelo roteirista tinha à minha disposição os filmes gravados e encenados no *site* www.roteirodecinema.com.br. Assim, coletava as desgarradas primeiramente na versão escrita dos roteiros e depois conferia se o ator na filmagem também fazia uma pausa ou dava uma entoação diferente à estrutura desgarrada para marcá-la. Para tanto, recortava a cláusula produzida e a submetia ao tratamento prosódico. Os dados fiéis aos roteiros foram retirados do *YouTube*, recortados no programa SOUND FORGE 7.0, salvos no formato mp3 e analisados no programa PRAAT, por meio do qual foram aferidos os valores da frequência fundamental (F0) e da duração das cláusulas, conforme ilustram as figuras a seguir.

Figura 1: Sintagma Entoacional “Espera a hora... Como um samurai”, produzido pelo personagem Ana do filme *Jogo subterrâneo*.

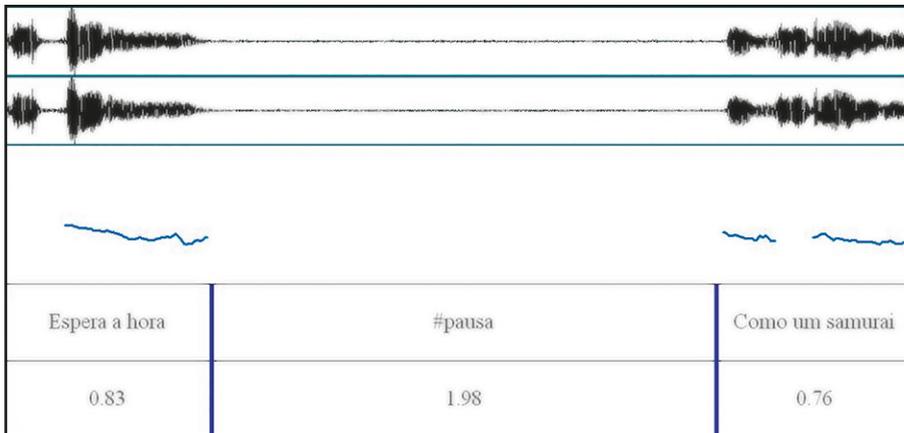
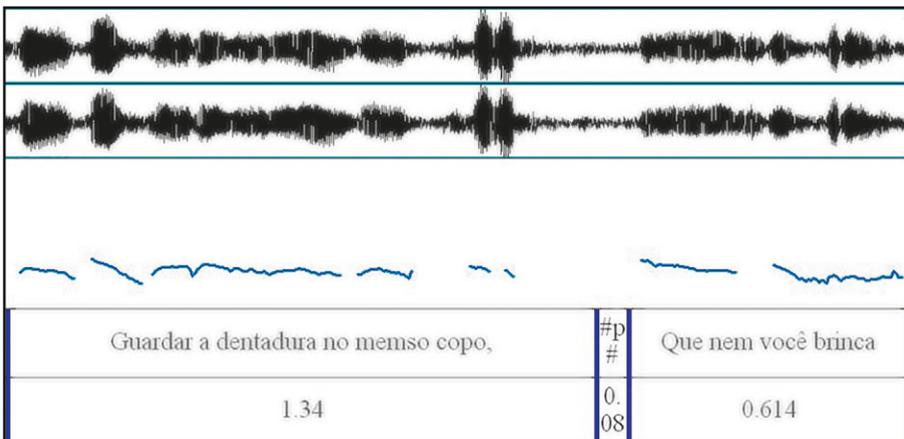


Figura 2: Sintagma Entoacional “Guardar a dentadura no mesmo copo” e Sintagma Entoacional “Que nem você brinca”, produzidos pelo personagem Bia do filme *As melhores coisas do mundo*.



A essa altura estávamos em 2014 e já fazia parte do meu grupo de pesquisa a orientanda Aline Ponciano, que tinha muita experiência com o PRAAT e que muito me ajudou nessa empreitada. Inclusive, a partir daí fizemos alguns trabalhos juntas, sempre na interface sintaxe/prosódia. Foi um período muito profícuo e que determinou a investigação da tese dessa orientanda, atualmente minha colega de Setor, o que muito me orgulha.

Embora já estivesse trabalhando com o tema do desgarramento desde 2011, mas de maneira ainda muito tímida, após o estágio pós-doutoral de 2012-2013, a investigação desse fenômeno tornou-se uma constante em minha vida acadêmica, seja em apresentações em congressos, aulas na pós-graduação, orientações de dissertações e teses. A seguir enumero alguns desses trabalhos e as orientações sobre o tema.

TRABALHOS

1. Desgarramento das comparativas introduzidas por *que nem*. **Guavira Letras:** Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Graduação e Pós-Graduação em Letras. – v. 12, n. 1, 2011.
2. Desgarramento de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. **Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE.** Campus Lagoa Nova - Natal - RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN, 2014. (coautoria).
3. Desgarramento: um novo olhar. *In:* ARENA, Ana Beatriz *et alii* (org.). I CCO, 2016, Niterói/RJ. **Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações.** p. 217-237. Niterói: Letras/UFF, 2017. Disponível em: https://uffcco.files.wordpress.com/2017/12/anais-do-i-seminc3a1rio-do-cco_publicac3a7c3a3o-com-isbn.pdf (coautoria).
4. O desgarramento de orações adverbiais nos roteiros de cinema. **Descrição e ensino de Língua Portuguesa:** temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. (coautoria).
5. A Estrutura Argumental Preferida de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais desgarradas em “memes quando”. **Gragoatá,** Niterói, v. 23, n. 46, p. 518-543, maio-ago. 2018. (coautoria).
6. Adjetivas explicativas e o desgarramento em sala de aula. **Pesquisas em sintaxe e sua aplicação em sala de aula.** Rio de Janeiro: Editorarte, 2018. (coautoria)
7. O desgarramento de orações completivas no Facebook. **Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações.** Niterói: Letras/UFF, 2019.

ORIENTAÇÕES

1. Karine Oliveira Bastos. **Desgarramento de advérbias reduzidas de gerúndio**. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2013.
2. Karen Pereira Fernandes de Souza. **Orações relativas apositivas “desgarradas” em jornais dos séculos XIX e XX**. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2014.
3. Andressa Matheus Fontes. **“Desgarramento” de orações advérbias em roteiros de cinema**. Iniciação científica. Graduação em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2016.
4. Aline Ponciano dos Santos Silvestre. **“Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...”**: prosódia e desgarramento no PB e no PE. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2017.
5. Gabriela do Couto Baroni. **Insubordinação de cláusulas volitivas em português brasileiro: uma abordagem funcionalista**. Doutorado em Letras, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2017. Em andamento.
6. Paula Rhaquel Silva Souza da Fonseca. **Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook**. Monografia de Final de Curso de Graduação em Letras - Português - Inglês, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.
7. Gabriel Santos da Silveira. **O “desgarramento” de cláusulas hipotáticas no Facebook**. Iniciação científica. Graduação em Letras Português – Alemão, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.
8. David Novaes Cidade. **Desgarramento de cláusulas hipotáticas em redações de vestibulandos**. Iniciação científica. Graduação em Letras Português – Alemão, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.

9. Rachel de Carvalho Pinto Escobar. **Desgarramento de cláusulas introduzidas pelo conector PARA**. Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019. Em andamento.

10. Gustavo Benevenuti Machado. **“Desgarramento” de cláusulas introduzidas por ONDE em Português**. Doutorado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa: Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019. Em andamento.

Em 2019, surge a oportunidade de fazer outro estágio pós-doutoral e, por conta desse breve histórico anteriormente relatado, o escolho fazer novamente sob a supervisão da Professora Beatriz Decat e agora sobre o tema do desgarramento. E não podia ser diferente por conta de todo o relato anterior...

O Projeto intitulou-se *Desgarramento, pontuação e ensino*. Partindo da premissa de que todas as relações sintáticas em uma língua têm relevância semântica e estão fundamentadas nos contextos linguísticos e extralinguísticos em que são usadas, conforme atesta Bybee (2010, p. 125), pretendia, com este estudo, refinar a descrição das cláusulas *desgarradas* em uso no Português.

Como a pontuação é um dos principais índices do fenômeno na língua escrita (cf. DECAT, 1999; 2011) e parto do pressuposto de que o escrito não é só produto, mas também é produção, não adotei a perspectiva normativa de que estaria diante de “erros” de pontuação no caso dos usos das cláusulas *desgarradas*, já que levo em conta que a língua é sempre afetada pelo uso e pelo impacto que essa experiência tem sobre o sistema cognitivo (cf. BYBEE, 2010).

Com base em Decat (1999, 2011), ratifico que há cláusulas circunstanciais *desgarradas*, relativas apositivas *desgarradas* e completivas *desgarradas*, podendo estas ainda ser inerentemente pragmáticas, contextuais e cotextuais, conforme postulam Rodrigues e Silvestre (2017), em descrição complementar à de Decat (1999, 2011).

A hipótese que se almejava comprovar por meio de *corpora* compostos por *sites* de rede social era a de que há uma tendência de as completivas serem inerentemente pragmáticas e de as relativas apositivas serem cotextuais. Já as circunstanciais podem se materializar na forma inerentemente pragmática, contextual ou cotextual.

A perspectiva teórica em que se apoia o Projeto *Desgarramento, pontuação e ensino* é a funcionalista. Além de Bybee (2010), adotou-se Chafe (1980),

Dik (1997), Decat (1999, 2011), Silvestre; Rodrigues (2014), Rodrigues; Silvestre (2017), Rodrigues; Fontes (2018) sobre *desgarramento*; utilizaram-se estudos de Souza (2009, 2010) sobre cláusulas relativas; Dahlet (2006), Tenani (2008), Soncin; Tenani (2015) sobre pontuação e as gramáticas normativas de Góis (1943) e Cunha; Cintra (1985). Além disso, recorreu-se também ao trabalho de Araújo e Leffa (2016), autores que abordam a linguagem das redes sociais, tendo em vista que o *corpus* analisado foi o do *Facebook*.

Nesse segundo pós-doutorado consegui organizar um livro que conta com os resultados das investigações realizadas por meus orientandos sobre o fenômeno e se intitula **Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição**. Nele tenho dois capítulos, *Cláusulas desgarradas e seu(s) uso(s)* e, em parceria com a orientanda Paula Rhaquel Silva Souza da Fonseca, *Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook*.

O relato anterior elucidada, conforme antes anunciado, como se deu o início de meu envolvimento com o tema do desgarramento até os dias atuais. Em sequência, explicitarei o histórico de minha pesquisa sobre o tema desde os primeiros trabalhos até hoje.

SUMÁRIO

1. PARA COMEÇO DE CONVERSA.....	19
2. DESGARRAMENTO: PALAVRAS INICIAIS	23
3. OUTROS TRABALHOS SOBRE DESGARRAMENTO	29
4. DESGARRADAS PROTOTÍPICAS E NÃO PROTOTÍPICAS	35
5. O CASO DAS COMPLETIVAS	41
6. DESGARRAMENTO INERENTEMENTE PRAGMÁTICO, CONTEXTUAL E COTEXTUAL	51
7. INSUBORDINAÇÃO	57
8. DESGARRAMENTO <i>VERSUS</i> INSUBORDINAÇÃO	61
9. Plicação das análises antes mostradas	65
REFERÊNCIAS.....	73

PARA COMEÇO DE CONVERSA

A noção de período tal qual a conhecemos envolve dois componentes – o gráfico e o sintático. Assim, graficamente, concebemos o período como a unidade linguística que se inicia por letra maiúscula e termina por algum sinal de pontuação terminativa, a saber: ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação. Evidentemente, não se pode, nesse caso, desvincular essa acepção da modalidade escrita da Língua Portuguesa. Cumpre lembrar que as reticências podem ser consideradas tanto um sinal de pontuação terminativo quanto continuativo, a depender do que se lhe segue. Se a unidade linguística seguinte a elas começa com letra maiúscula, serão consideradas um sinal terminativo, caso contrário, serão continuativas. Do ponto de vista sintático, o período é concebido como a unidade linguística que se compõe de um ou mais verbos, portanto, de uma ou mais orações, já que esta categoria gramatical é identificada pela presença do verbo. Logo, se um período é formado por apenas uma oração, é classificado como simples; se houver nele mais de uma oração, é classificado como composto. A noção gráfica e sintática de período fica mais evidente na citação de Góis (1943, p. 22) a seguir:

A divisão do período em orações, isto é, o fracionamento do sentido global em outros parciais ou singelos, é uma operação usual do espírito humano. Cada vez que um indivíduo fala ou escreve, vai naturalmente seccionando o pensamento global em outros pensamentos menores, que se constituem partes componentes, ou peças integrantes da estrutura daquele. Os próprios sinais de pontuação ordinariamente são marcos que se plantam na zona limítrofe entre uma e outra oração. A “análise lógica” é assim praticada (às vezes inconscientemente, ou intuitivamente) por todo o indivíduo, que usa a linguagem como veículo do pensamento. (GÓIS, 1943, p. 22)

O excerto de Góis (1943, p. 22), como se vê, ratifica as considerações inicialmente feitas. No entanto, o fenômeno que vamos abordar pode ser elucidado com outra assertiva desse mesmo autor:

[...] há um caso de “período gramatical” que constitui verdadeira *anomalia gramatical*, senão licença da parte de certos autores demasiado liberais na construção da frase: é o caso de período ligado a outro por “pronomes relativos”, ou “conjunção subordinativa ou de 2ª classe”, fato este muito comum por parte dos clássicos quinhentistas, e que escritores modernos procuram reviver ou restaurar, ex.: *Ao qual* lastimoso e cruelíssimo espetáculo se levantou em todo o povo um tamanho tumulto. – F. M. Pinto – *Porque*, antes que entrássemos naquele habitáculo, via eu que o meu patrono lhe dizia... – M. Bernardes. (GÓIS, 1943, p. 23) (Grifos do autor)

Os usos a que o gramático denomina de *anomalia gramatical* podem ser analisados, segundo propostas teóricas mais recentes, com base no conceito de desgarramento. Por desgarramento, de maneira simples, entende-se a possibilidade de uma oração dita subordinada ocorrer sem a sua principal.

Assim, o fenômeno do desgarramento permite-nos repensar a ideia de que as denominadas orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais), nos termos da gramática tradicional, não possam existir sem sua respectiva principal. Essa premissa encontra respaldo em afirmativas de Rocha Lima (1998, p. 286), como a que se segue:

[...] armando-se o período composto por subordinação assim a modo (como já o dissemos) de uma “constelação sintática” –, a verdade é que a dita ORAÇÃO PRINCIPAL, JUNTAMENTE COM AS DEMAIS, forma um bloco sintático-semântico de tal ordem uno e coeso, que não podem ter separadas as partes que o integram. (ROCHA LIMA, 1998, p. 286) (Grifos do autor)

A assertiva de Rocha Lima (1998, p. 286) reforça a categorização de período já elucidada. Além disso, possibilita-nos não só repensar a noção de oração principal como também a de oração subordinada. A respeito dessas categorizações, devemos refletir sobre os critérios de análise aplicados. Inicialmente, precisamos lembrar que a oração principal não traz, necessariamente, a ideia mais importante

do período, como seu próprio nome sugere (cf. CASTILHO, 2002). Sobre a noção de subordinação, há que se ter, no mínimo, o cuidado em se explicitar a natureza da dependência envolvida entre as orações, se sintática e/ou semântica, já que essas orações são homogeneamente tratadas como dependentes de sua principal, segundo a visão tradicional. A noção de (in)dependência aplicada para distinguir os processos sintáticos da coordenação e subordinação tem sido alvo de muitas críticas nas mais diferentes abordagens teóricas (cf. GARCIA, 1975; DECAT, 1999; CASTILHO, 2002; MATEUS et alii, 2003; RAPOSO, 2013), mas aqui a discutiremos à luz dos pressupostos funcionalistas (cf. HALLIDAY, 1985; MATHIESSEN; THOMPSON, 1988; ABREU, 1997; DECAT, 1999; CARVALHO, 2004; RODRIGUES, 2010; RODRIGUES, 2017).

O primeiro aspecto a que devemos chamar atenção é o de que o conceito de subordinação, na proposta funcionalista, não coincide com a acepção adotada no âmbito da gramática tradicional. Seguindo essa linha de raciocínio, só podemos falar de subordinação, ou encaixamento, quando houver uma relação de constituição entre orações ou entre constituintes. Assim, são orações subordinadas/encaixadas as completivas (substantivas) e as relativas (adjetivas) restritivas. As completivas se encaixam ao constituinte verbal (SV) e as restritivas ao constituinte nominal (SN). Aqui reside a principal diferença, por exemplo, entre a abordagem tradicional e a funcionalista, porque as adverbiais são casos de hipotaxe, assim como as relativas apositivas (adjetivas explicativas), e não de subordinação.

As hipotáticas adverbiais e as relativas apositivas se combinam com outros constituintes e/ou orações manifestando noções semântico-pragmáticas, tais como tempo, lugar, adendo, realce. Portanto, depreende-se uma gradação entre estruturas que envolvem mais dependência sintática e, por conseguinte, semântica, para as estruturas que envolvem mais dependência semântica e menor grau de dependência sintática, para as estruturas que não envolvem dependência sintática e, por conseguinte, apresentam menor dependência semântica, como é o caso da parataxe (coordenação)¹. A esse respeito, vale resgatar a contribuição de Garcia (1975) sobre a existência de subordinação semântica ou psicológica no âmbito da coordenação².

¹ A gradação mencionada é indicada por meio da tríade funcionalista parataxe > hipotaxe > subordinação.

² Segundo Garcia (1975), as orações coordenadas podem ser sintaticamente independentes, autônomas, mas isso não significa dizer que necessariamente têm autonomia, independência de sentido. É o que podemos verificar com as duas orações coordenadas sublinhadas no trecho a seguir: “A receita é simples, irmãzinha. Basta uma lebre, uma garrafa de vinho e

Portanto, à luz da proposta funcionalista, podemos rever não só a noção de subordinação como também adotar a categorização das orações que formam os períodos compostos em subordinadas, hipotáticas e paratáticas, valendo-nos da ideia de que há entre elas uma gradação, ou seja, graus de dependência diferenciados. Estendendo essa noção para cada grupo em particular, continuaremos a verificar graus de dependência também variados entre tais tipos de orações, ou seja, um *continuum* (cf. ABREU, 1997).

um pouco de imaginação. Lave, limpe e corte a lebre em pedaços (...)”, retirado do Roteiro de cinema *Netto perde sua alma* (2001). Verificamos pelo cotexto dado que há uma provável sequência para as ações de lavar e limpar ocorrerem, ou seja, uma ação pressupõe a outra. A esse tipo de relação é que podemos chamar de subordinação semântica ou psicológica.

DESGARRAMENTO

PALAVRAS INICIAIS

A distinção entre subordinação e hipotaxe, de acordo com o modelo teórico funcionalista, possibilita-nos uma melhor compreensão do fenômeno do desgarramento.

Assim, segundo Decat (1999), as desgarradas são estruturas que constituem por si mesmas unidades de informação à parte e se materializam de forma solta, à semelhança de um enunciado independente. É o que podemos exemplificar com o título de uma minissérie da Rede Globo exibida em abril de 2019:

Exemplo 1:

Se eu fechar os olhos agora.

Verificamos, pela forma da oração, que esta apresenta as propriedades características de uma “subordinada adverbial condicional”, ou seja, o “conector” *se* que a introduz e a noção semântico-pragmática de algo hipotético que poderá ou não acontecer. No entanto, falta-lhe a oração principal. Sobre casos semelhantes a esse, vejamos o que encontramos em Garcia (1975, p. 68) na seção intitulada *Como indicar as circunstâncias e outras relações entre as ideias*, na subseção *Condição*:

c) *Desejo, esperança, pesar* (geralmente em frase exclamativa e reticenciosa, em que a oração principal, quase sempre subentendida, traduz um complexo de situações mais ou menos indefinível ou não claramente mentado).

“Ah! – se eu soubesse!...

Se ele deixasse!...

Se a gente não envelhecesse!” (GARCIA, 1975, p. 68) (Grifos do autor)

O aspecto que nos interessa nesse momento na assertiva de Garcia (1975, p. 68) é a ideia de que a oração principal está “subentendida”. Logo, pode existir oração “subordinada” sem uma principal.

Além de Garcia (1975), encontramos menção indireta ao fenômeno do desgarramento também em Cunha e Cintra (1985, p. 632), na seção em que esses autores abordam os usos dos sinais de pontuação:

O PONTO tem sido utilizado pelos escritores onde os antigos poriam PONTO-E-VÍRGULA ou mesmo VÍRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, conseqüentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular; ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos inexprimíveis numa pontuação normal e lógica. (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 632) (Grifos dos autores)

Um dos exemplos empregados pelos gramáticos para ilustrar o caso é:

Exemplo 2:

A tua presença provocou em mim o sentimento inédito que buscava. Fiquei transposto. Outro. **Como desejava.** (Almada Negreiros, *OC*, III, 61)

(CUNHA e CINTRA, 1985, p. 633) (Grifos meus)

A assertiva e o exemplo dos autores encontram-se no capítulo relativo à pontuação e o uso da estrutura desgarrada *Como desejava* é associado a questões estilísticas. Muito interessante também é verificar que Cunha e Cintra (1985) destacam, do ponto de vista do uso, a função de realce que tais estruturas têm e a ideia de que há um uso não convencional da pontuação (cf. TENANI, 2008), que pode mudar o sentido dessas estruturas.

Pensamento semelhante vamos encontrar em Bechara (1999), na seção denominada por ele de *Outras particularidades das orações adverbiais*, na qual aborda as orações consecutivas:

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por pausa maior, isto é, por ponto-e-vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte*, *consequentemente*, daí: ‘As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. **De modo que elas devem ser aproveitadas inteligentemente**’. (BECHARA, 1999, p. 499) (Grifos meus)

No excerto de Bechara (1999, p. 499) antes explicitado, identificamos o uso da desgarrada *De modo que elas devem ser aproveitadas inteligentemente*, que se separa do período anterior a ela por ponto final, estabelecendo com ele a relação de consequência.

Segundo Decat (2011), o ponto final é um dos principais índices do fenômeno do desgarramento na língua escrita; por meio dele, o escrevente separa/destaca a estrutura desgarrada. Foi o que notamos nos exemplos de Cunha e Cintra (1985, p. 633) e de Bechara (1999, p. 499) antes mostrados e é o que podemos verificar no excerto a seguir retirado do livro **Angústia** do escritor Graciliano Ramos:

Exemplo 3:

Além disso Julião Tavares tinha educação diferente da nossa. Vestia casaca, freqüentava os bailes da Associação Comercial e era amável em demasia. Amabilidade tôda na casca. Ouvi-o, na festa de aniversário de um figurão, conversar com uma sirigaita. Eu estava bebendo cerveja no jardim, e êles num caramanchão diziam besteiras horríveis. Como falavam alto, percebi claramente as palavras de Julião Tavares. Não tinham sentido. **Como o discurso do Instituto Histórico**. (RAMOS, 1953, p. 50-51) (Grifos meus)

No fragmento de Graciliano Ramos, a estrutura desgarrada *Como o discurso do Instituto Histórico* separa-se da anterior por ponto final, dando-lhe mais destaque, ênfase.

Estruturas como essas podem ser explicadas de acordo com o que Decat (2011, p. 69) afirma:

Em trabalhos anteriores, examinei certos tipos de orações subordinadas cujo caráter independente concorria para que tais estruturas ocorressem, no português escrito, de maneira ‘solta’, sem a oração matriz. A tais estruturas chamei de ‘desgarradas’ (DECAT, 1999b), tendo em vista sua ocorrência isolada, à maneira de um enunciado independente. (DECAT, 2011, p. 69)

A linguista estende a noção de unidade informacional¹ de Chafe (1980) para a língua escrita e por meio dessa noção podemos explicar também estruturas como as destacadas a seguir:

Exemplo 4:

As autoridades de San Antonio não desistiram. Têm se dado ao trabalho de acompanhar o noticiário que chega até lá, vindo do Rio de Janeiro, e têm feito coro e torcida para a bandidagem, aplaudindo a violência e esperando que a cidade se torne um caos. **Esperando que a situação econômica do Brasil se complique** [...]. Torcem contra o Rio de Janeiro da mesma forma como ainda torcem contra Santo Domingo, na República Dominicana [...]. Restou às autoridades de San Antonio esta única esperança. **O que é muito triste.** (Amostra PEUL, *Jornal do Brasil*, 21/10/2002) (Grifos meus)

No fragmento de texto do *Jornal do Brasil*, há duas desgarradas destacadas, uma reduzida *Esperando que a situação econômica do Brasil se complique* e uma desenvolvida, a que daremos mais atenção. A estrutura desgarrada *O que é muito triste* também se separa da estrutura anterior por ponto final e enfatiza a ideia apresentada antes no texto, fazendo uma avaliação desta. Agora perceberemos uma semelhança da desgarrada não mais com uma hipotática adverbial, mas com uma hipotática relativa apositiva, que funciona como um adendo, um comentário em relação à porção textual anterior.

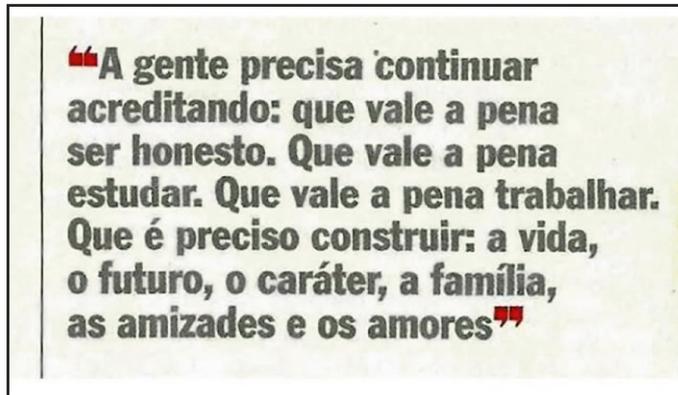
Portanto, com base nesses exemplos, pudemos demonstrar como Decat (1999, 2011) analisa as estruturas desgarradas. Assim, segundo ela, as desgarradas podem ser hipotáticas adverbiais e relativas apositivas.

De acordo com a autora, ainda, isso se explica pelo caráter de satélite das adverbiais em relação ao seu núcleo (principal) e pelo caráter de adendo das relativas apositivas. No que se refere às completivas, Decat (2011, p. 42) afirma que essas cláusulas se materializam *desgarradas* quando formam uma seqüência parafrástica, reiterando ou repetindo estruturas sintáticas que ocorreram antes na cadeia discursiva, contribuindo para enfatizá-las e visando a objetivos comunicativo-interacionais, como podemos observar em:

¹ Segundo Chafe (1980), unidade informacional é um “jato de linguagem” que contém toda a informação que é “manipulada” pelo falante em um único foco de consciência, sendo normalmente constituída por sete a nove palavras.

Exemplo 5:

Postagem 1



Fonte: minha própria *timeline* do Facebook

Na postagem do Facebook antes exemplificada, notamos o uso da completiva *que vale a pena ser honesto* integrando um mesmo período gráfico juntamente com *A gente precisa continuar acreditando*, já *Que vale a pena ser honesto*, *Que vale a pena estudar*, *Que vale a pena trabalhar*, *Que é preciso construir: a vida, o futuro, o caráter, a família, as amizades e o amores* são desgarradas que realçam as informações antes apresentadas. Conforme Decat (1999, 2011), as completivas são constituintes do sintagma verbal (SV), portanto, o seu uso desgarrado só pode acontecer em casos como esse.

OUTROS TRABALHOS SOBRE DESGARRAMENTO

O desgarramento ganha destaque com Decat (1999, 2011), precursora do estudo desse fenômeno no Brasil e que categorizou o desgarramento da maneira como mencionamos antes. Com base em seu trabalho, Silvestre e Rodrigues (2014), Rodrigues e Silvestre (2017), Rodrigues e Fontes (2018) e Rodrigues (2019) investiram na análise de um aspecto não explorado por ela, ou seja, a possibilidade de as desgarradas constituírem, de fato, unidades informacionais à parte na língua oral, já que o *corpus* analisado por Decat (1999, 2011), conforme já dissemos, é de língua escrita.

Silvestre e Rodrigues (2014), Rodrigues e Fontes (2018) e Rodrigues (2019), com base no áudio dos filmes dos roteiros de cinema¹, analisaram o comportamento prosódico de cláusulas hipotáticas *desgarradas*, com o intuito de verificar se havia diferenças entoacionais significativas entre essas cláusulas e as que se articulavam formalmente/sintaticamente à cláusula nuclear, ou seja, as não desgarradas. Para tanto, além dos pressupostos teóricos do Funcionalismo encontrados nos trabalhos de Chafe (1980), Decat (1999, 2011) e Moura Neves (2003),

¹ Os dados analisados por esses trabalhos foram coletados de roteiros que compõem o *site* Roteiro de Cinema, disponível em www.roteirodecinema.com.br, que disponibiliza, desde 2003, mais de 380 roteiros de inúmeros filmes nacionais na íntegra, já produzidos ou inéditos.

foram utilizados, ainda, pelas autoras, os princípios da Fonologia Entoacional encontrados em Pierrehumbert (1980). A análise instrumental foi realizada no programa computacional PRAAT, a fim de identificar o comportamento dos parâmetros prosódicos em toda a extensão dos sintagmas entoacionais (I) dos quais as cláusulas faziam parte. A nomenclatura cláusula remete a uma unidade comunicativa (cf. Dahlet, 2006) e, por isso, é mais adequada aos nossos propósitos de análise. Desse modo, adotaremos a partir daqui.

Os trabalhos antes mencionados, portanto, propõem uma interface entre sintaxe e prosódia e utilizaram, para isso, o *corpus* Roteiro de Cinema, disponível no *site* www.roteirodecinema.com.br. Após serem coletados os dados escritos nos roteiros, as autoras foram em busca de sua materialização oral. Assim, recorreram ao *YouTube* para acessar os filmes e identificar as cláusulas desgarradas. Os dados fiéis aos roteiros foram retirados do *YouTube*, recortados no programa SOUND FORGE 7.0, salvos no formato mp3 e analisados no programa PRAAT, por meio do qual foram aferidos os valores da frequência fundamental (F0) e da duração das cláusulas.

Ford (1988) analisou dados de fala e escrita explorando a relação entre a fronteira entoacional de cláusulas hipotáticas (temporais, causais e condicionais) e a pontuação. Com base no trabalho dela realizamos os nossos.

Os resultados dos trabalhos de Silvestre e Rodrigues (2014) e de Rodrigues e Fontes (2018) sobre as hipotáticas adverbiais mostraram que quanto à frequência fundamental (F0), o fim dos sintagmas entoacionais (de cláusulas desgarradas ou não desgarradas) apresentou padrão descendente comum à asserção neutra no Brasil (cf. CUNHA, 2000; MORAES, 2008; SILVESTRE, 2012), o que corrobora, de certa forma, a afirmação de Decat (1999, 2011) sobre o fato de as cláusulas desgarradas possuírem contorno final. Além disso, também foi possível diferenciar o desgarramento pelo comportamento prosódico característico do material que o precedeu, isto é, de contorno continuativo.

Nos sintagmas entoacionais (Is) de que fazem parte as cláusulas não desgarradas, a comparativa foi antecedida por um tom alto - H (cf. figura 1 a seguir) no fim da cláusula nuclear, o que era esperado, pois configura a informação de que há algo a mais a ser dito, de que existe dependência em relação à informação posterior. Pierrehumbert e Hirschberg (1990) mencionam a utilização desse tom na fronteira final, afirmando que por ele é trazida a sensação de que a sentença será completada por outra. Verificou-se, portanto, na fronteira da cláusula nuclear que é acompanhada pela comparativa não desgarrada, o que Ford (1988)

chamou de *contorno continuativo* (*bound*) e que Cunha (2000), em sua descrição prosódica do Português do Brasil, assim também nomeia.

Os Is desgarrados, por sua vez, foram antecidos pelo tom baixo - L (cf. figura 2 a seguir), o que configura, como mencionado anteriormente, o padrão mais comum da asserção neutra no Brasil e que exemplifica o que Ford (1988) chamou de *entoação final* (*separated*).

Além da diferença em relação ao tom alto/baixo (H/L) que antecede as cláusulas desgarradas, verificou-se ser categórica, nos dados analisados pelas autoras, a existência de pausa entre a cláusula núcleo e a cláusula desgarrada, fato não observado nos Is em que não há desgarramento. Contrastando-se a figura 1 com a 2 a seguir, nota-se que a pausa da desgarrada *Como um samurai* em relação à anterior é de 1.98 milissegundos enquanto entre *como uma espécie de conselheira* em relação à *Vai funcionar* é de apenas 0.18 milissegundos.

Pela configuração tonal, pode-se postular que a cláusula desgarrada constitui um I à parte, e essa verificação corrobora a afirmação de Decat (1999), em referência à Chafe (1980), sobre o fato de as cláusulas desgarradas formarem uma unidade de informação à parte e serem identificáveis pela entoação ou pela pausa, ainda que breve, que as separa de outra unidade.

No que tange à pausa especificamente, observou-se que a duração identificada nas cláusulas separadas por ponto nos roteiros foi, pelo menos, quatro vezes maior do que a verificada nas cláusulas separadas por vírgula, o que se relaciona à afirmação de Ford (1988) sobre pontos serem melhores sinais de separação do que as vírgulas. Isso nos ajuda a entender melhor por que o ponto final, na língua escrita, é o principal índice do fenômeno.

Figura 1 - Sintagma entoacional coletado do Roteiro *Como fazer um filme de amor*.

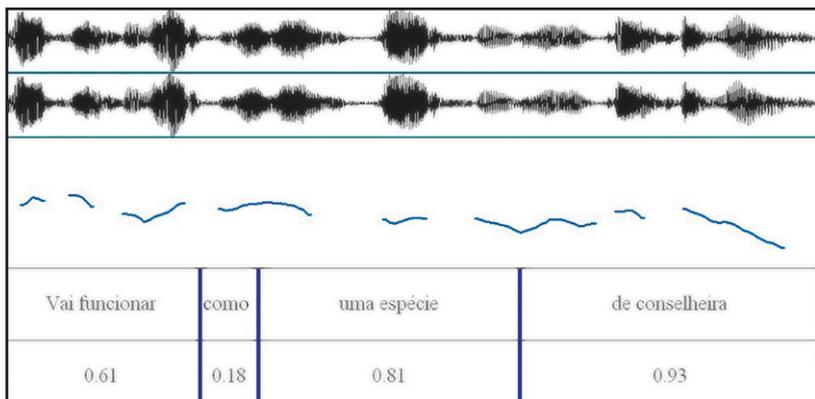


Figura 2 - Sintagma entoacional coletado do Roteiro *Jogo subterrâneo*.



A análise do comportamento prosódico das cláusulas relativas apositivas desgarradas permitiu mostrar que a pausa é fator preponderante na caracterização do fenômeno. Alinhando-se aos resultados encontrados por Souza (2009) para as relativas não restritivas, a fronteira sintática existente entre a cláusula núcleo e a relativa é também marcada por uma fronteira prosódica nos dados desgarrados (cf. figura 4 a seguir). Ressaltamos, contudo, que a concretização da pausa acontece de forma mais saliente na caracterização do desgarramento (cf. figura 3 em comparação com a figura 4 a seguir).

Além da fronteira prosódica marcada pela pausa, o alongamento das sílabas finais da cláusula núcleo mostrou-se índice relevante para a caracterização do fenômeno, uma vez que há, nas últimas sílabas da cláusula que antecede à desgarrada, uma duração até 66% maior do que a observada nas mesmas sílabas quando antecidas de cláusulas não desgarradas (cf. RODRIGUES, 2019). Nossos resultados confirmam a hipótese de que há semelhanças entre as cláusulas desgarradas e as relativas não restritivas (explicativas da GT), sendo essas cláusulas um sintagma entoacional à parte.

Figura 3 - Sintagma entoacional coletado do Roteiro de *Antes que o mundo acabe*.

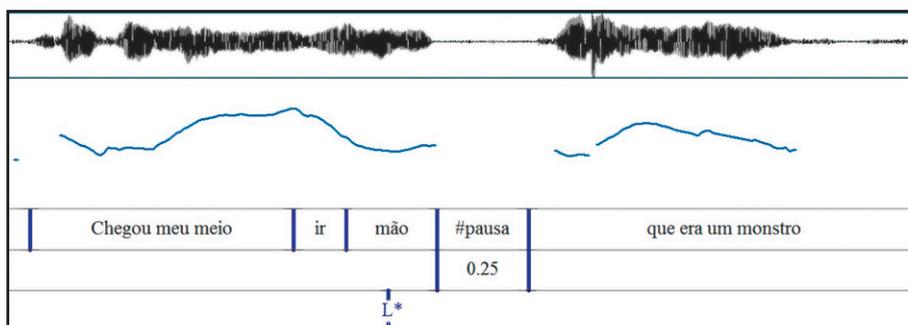
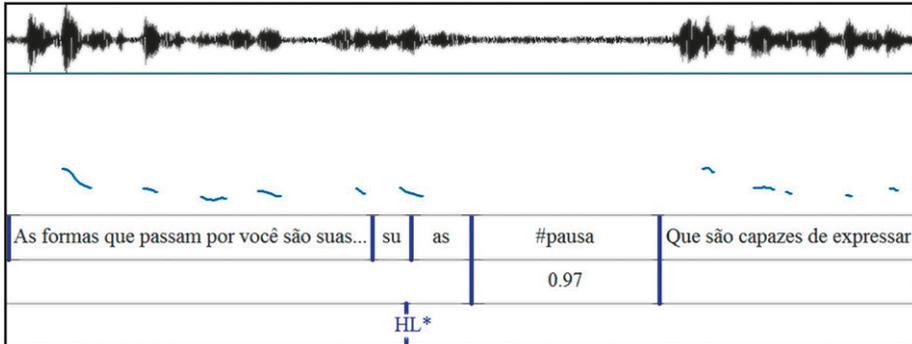


Figura 4 - Sintagma entoacional coletado do Roteiro de *Antes que o mundo acabe*.

A figura 3 ilustra, portanto, um caso de relativa apositiva não desgarrada e a figura 4 o de uma relativa apositiva desgarrada.

Além dos estudos já mencionados, a orientação dos trabalhos de Bastos (2014), Souza (2016), Machado (2017) e Silvestre (2017), que utilizaram *corpora* diversos, serviu como base para a observação de usos diferentes daqueles encontrados por Decat (1999, 2011), anteriormente descritos. Assim, comprovada a ideia de que as cláusulas desgarradas constituem unidades de informação à parte na língua oral, percebemos uma diferença de comportamento dessas cláusulas nos usos na língua escrita. Com base nessa constatação, inicialmente, as distinguimos em prototípicas e não prototípicas.

DESGARRADAS PROTOTÍPICAS E NÃO PROTOTÍPICAS

A noção de prototipia reforça a premissa de que as categorias linguísticas não são discretas e que há entre elas uma gradação, um *cline*, um contínuo, conforme já tivemos chance de mencionar ao abordar rapidamente a tríade funcionalista para a articulação de cláusulas. A assertiva de Taylor (1992, p. 51) a seguir evidencia isso:

As categorias tipicamente têm limites difusos e podem até mesmo fundir-se uma na outra; alguns atributos podem ser compartilhados por apenas alguns membros de uma categoria; pode haver categorias até mesmo sem atributos compartilhados por todos seus membros. Para manter nossas categorias maximamente distintas, e consequentemente maximamente informativas, nós precisamos focalizar no nível básico de categorização, mais especificamente, nos membros mais centrais das categorias de nível básico. (TAYLOR, 1992, p. 51)

Aplicando a noção de protótipo ao fenômeno do desgarramento, diríamos que a cláusula desgarrada *Se eu fechar os olhos agora* que, como já dissemos, foi título de uma minissérie da Rede Globo exibida em abril de 2019, é prototípica se comparada com a desgarrada da postagem 2:

Exemplo 6:

Postagem 2



Fonte: minha própria *timeline* do Facebook

Enquanto *Se eu fechar os olhos agora* não se vincula a nenhuma porção textual antes dela, *O que eu tenho de novo é o jeito de caminhar* enfatiza a ideia apresentada anteriormente no texto *Não, não tenho caminho novo*, fazendo uma avaliação desta, portanto, uma desgarrada não prototípica, com base no que vimos até o momento.

Assim, delineou-se a hipótese de que haveria desgarradas mais prototípicas do que outras dentre as hipotáticas (circunstanciais e relativas apositivas) já estudadas pelos referidos trabalhos. Diante disso, começamos a observar a ocorrência de dados como o da embalagem de papel higiênico que se segue:

Exemplo 7:

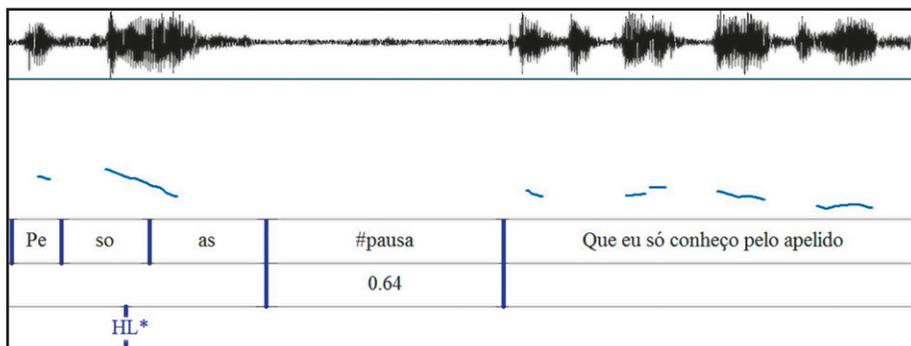
Propaganda 1¹

Na embalagem, a desgarrada *Porque você mudou* vincula-se, do ponto de vista informativo, ao SN *Carinho Toilet*, que indica a marca do papel higiênico e forma com o nome da marca de papel uma unidade informacional, estabelecendo a noção semântico-pragmática de causalidade. A estrutura dessa desgarrada é semelhante à de uma hipotática adverbial. Comparando-a com a estrutura seguinte *Pessoas. Que só conheço pelo apelido* (cf. figura 5), percebemos que *Que eu só conheço pelo apelido* também se vincula a um SN, no caso *Pessoas*, só que agora com a forma de uma relativa apositiva, já que faz um comentário que incide sobre ele. Novamente, uma cláusula desgarrada, mas materializada de forma diferente das anteriores.

Exemplo 8:

¹ Entende-se por propaganda comercial uma apresentação do produto ou serviço para um público alvo.

Figura 5 - Sintagma entoacional coletado do Roteiro de *Tolerância*.



Da observação desses exemplos, surgiu a necessidade de refinar ainda mais a análise das cláusulas desgarradas, levando em consideração a frequência de usos encontrados, ou seja, a frequência *token* das desgarradas ou frequência de ocorrência que, segundo Bybee (2010), corresponde à quantidade de vezes que um item ou expressão ocorre em um texto. Como se observa, pelo que já foi mostrado, poderíamos dizer que as cláusulas desgarradas hipotáticas adverbiais são as mais prototípicas, se comparadas às relativas apositivas e às completivas, conforme vimos em Decat (1999, 2011). No entanto, essa constatação não evidencia outras possibilidades de comportamento no uso de cada uma delas. Além disso, exclui do escopo da análise estruturas como a que se segue:

Exemplo 9:

Postagem 3



Fonte: minha própria *timeline* do Facebook

A cláusula *Que seu dia seja maravilhosamente abençoado* assemelha-se bastante à *Se eu ganhasse na Mega Sena* (DECAT, 2011, p. 25), no sentido de constituir uma unidade informacional. Lembramos que unidade informacional se trata, segundo Chafe (1980), de um “jato de linguagem” que contém toda a informação que pode ser “manipulada” pelo falante num único foco de consciência. Assim, consideramos *Que seu dia seja maravilhosamente abençoado* uma desgarrada, e ela se assemelha, na forma, a uma completiva. Contudo, não se enquadra na análise proposta por Decat (1999, 2011). A frequência de cláusulas desgarradas como essas chamou atenção no *Facebook*, o que levou Rodrigues e Silvestre (2017) a estudá-las, denominando-as de desgarradas inerentemente pragmáticas.

O CASO DAS COMPLETIVAS

Rodrigues e Silvestre (2017) analisaram 331 postagens coletadas do *Facebook* de julho a dezembro de 2016 e, nesse *corpus*, identificaram 221 completivas, 95 circunstanciais e 15 relativas desgarradas. A análise desse *corpus* visava a comprovar a hipótese de que as completivas podiam se materializar de forma desgarrada, mesmo que não estivessem em sequenciação parafrástica, reiterando ou repetindo estruturas sintáticas que ocorreram antes na cadeia discursiva, assumindo-se, portanto, análise distinta em relação à de Decat (1999, 2011).

As autoras confirmaram que, no que se refere à língua escrita, o ponto é o principal índice do fenômeno e, conforme vimos em Cunha e Cintra (1989, p. 632), com o isolamento pela pontuação de orações que comporiam um período composto, o falante não só modifica a estrutura sintática do período como também seu sentido. A nova oração criada por ele ganha mais realce, e isto não se verifica no uso convencional dos sinais de pontuação.

Tendo em vista que há casos em que a estrutura desgarrada é usada e identificada tão somente pela situação comunicativa/interativa e um grande número deles em que as cláusulas são identificadas pelo contexto, independentemente do gênero textual em que se inserem, as autoras utilizaram em sua análise de dados

de língua escrita uma distinção entre contexto e cotexto, adaptando as ideias de Travaglia (1996), Dahlet (2006) e Bybee (2010).

Segundo Bybee (2010 p. 96), os significados desenvolvidos para uso na língua são sempre situados no contexto, que é determinado social e cognitivamente. Sendo assim, nossa experiência do mundo físico e nossas relações sociais não são uniformes nem planas. O contexto, fator extralinguístico, remete, então, ao conjunto de circunstâncias no meio das quais ocorre uma enunciação (escrita ou oral); já o cotexto refere-se estritamente ao material linguístico (cf. DAHLET, 2006, p. 103-107).

Assim, refinando a análise de Rodrigues e Silvestre (2017), Rodrigues (2019) investigou um *corpus* que se compõe de 389¹ postagens do *Facebook* recolhidas no período de março a agosto de 2019 de sua própria *timeline*. Nestas postagens, identificaram-se tanto as cláusulas desgarradas quanto as não desgarradas, diferentemente do que fora feito em Rodrigues e Silvestre (2017).

Após a coleta e análise de cada postagem, chegou-se a um total de 410² cláusulas desgarradas e 54 não desgarradas em um total de 464 cláusulas analisadas. Dentre as desgarradas, 42 são circunstanciais, 22 relativas e 346 completivas. No caso das não desgarradas, 30 são circunstanciais, 6 são relativas e 18 são completivas. Estes resultados confirmaram que, assim como aconteceu em Rodrigues e Silvestre (2017), as completivas desgarradas são as mais frequentes nesta amostra.

Para a análise e codificação dos dados do *corpus* antes discriminado, os seguintes aspectos foram observados:

1. Natureza da cláusula

- a – hipotática circunstancial *desgarrada*
- r – hipotática relativa apositiva *desgarrada*
- c – completiva *desgarrada*
- s – completiva não *desgarrada*

¹ Foram coletadas 598 postagens, destas foram descartadas 209 em uma análise preliminar, porque não eram casos de desgarramento, restando, portanto, 389. Os casos desconsiderados são frases exclamativas, que se encerram por ponto de exclamação.

² Cumpre esclarecer que o número de cláusulas não coincide com o número de postagens, tendo em vista que em uma mesma postagem pode haver mais de uma desgarrada ou não.

f – hipotática circunstancial não *desgarrada*

h – hipotática relativa apositiva não *desgarrada*

2. Noção semântico-pragmática expressa pela *desgarrada* e pela não *desgarrada*

p – adendo

v – avaliação

d – causalidade/condição/consequência

t – temporalidade

o – concessividade/oposição/contraste

e – elaboração

r – realce

g – exortação/desejo/vontade

p – fim, propósito, objetivo

3. Tipo de *desgarrada*

i – inerentemente pragmática

x – cotextual

z – contextual

s – não há *desgarrada*

4. Conector que introduz a *desgarrada* e a não *desgarrada*

b – conjunção subordinativa

p – pronome relativo

g – conjunção integrante

s – não há conector

q – SN + pronome relativo

m – demonstrativo + QUE

2 – preposição

5. Organização formal do conector da cláusula

a – Que + SN + subjuntivo

f – Porque

g – SN + que

e – E que

i – .Que + Adv + subjuntivo

f – Que + SV + SN

u – SV + que / Que + SV

o – Onde

j – Pron + que

w – O(s) que / Aquele(s) que

t – que

l – cuja

u – Cuja

3 – quando

z – porque quando

n – quem

y – enquanto

l – pra

4 – para

5 – se

6 – e quando

7 – para que

- 8 – antes que
- 9 – ainda bem que
- x – mesmo quando
- m – que nem
- h – não há conector

6. Estrutura em que se encontra a cláusula *desgarrada* e a não *desgarrada*

- s – simples
- j – correlata
- l – coordenada
- h – hipotática
- e – enumerada
- q – subordinada

7. Sinal de pontuação empregado antes da cláusula *desgarrada* e da não *desgarrada*

- n – não há
- p – ponto final
- m – exclamação
- d – dois pontos
- r – reticências
- v – vírgula

8. Modo verbal usado na cláusula *desgarrada* e na não *desgarrada*

- u – subjuntivo
- i – indicativo
- f – infinitivo

9. Verbo empregado antes da cláusula *desgarrada* e da não *desgarrada*

t – não expresso

v – verbo expresso / toda uma cláusula núcleo expressa antes

r – recuperável no contexto (antes ou depois da cláusula)

s – não há verbo, mas SN

10. Forma da cláusula *desgarrada* e da não *desgarrada*

x – desenvolvida

z – reduzida

11. Gênero textual da postagem

a – autoajuda

c – cartão

o – oração

p – propaganda

r – reflexão/pensamento

m – *meme*

12. Ordem dos constituintes na cláusula *desgarrada* e na não *desgarrada*

d – SVO (ordem direta)

i – OVS (ordem inversa)

v – VO (não há sujeito expresso)

h – pron. pessoal + pron. rel. + SV

s – Pron. rel. + SN + SV

e – SN + pron. rel + SV

f – pron. rel. + pron. + SV

13. Conector e informação

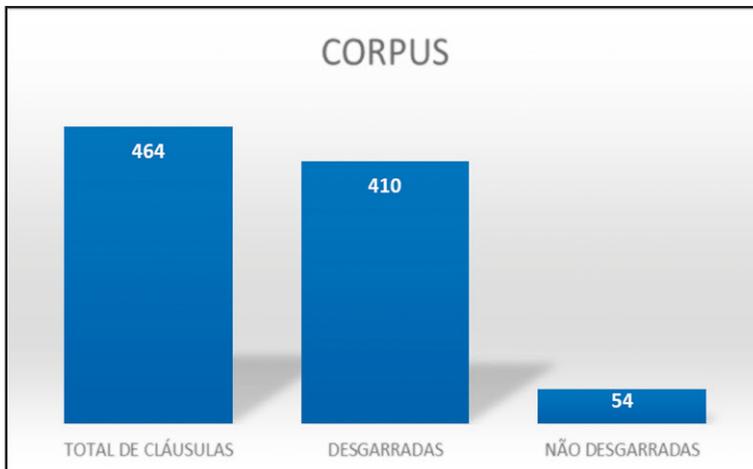
- s – o conector pode ser retirado da cláusula sem prejuízo para a informação
- n – o conector não pode ser retirado da cláusula sem prejuízo para a informação
- v – o conector não foi empregado na cláusula

Os parâmetros elencados anteriormente para codificação dos dados durante a análise foram indicados por letras e números, a fim de facilitar não só a descrição do comportamento das estruturas como também para permitir a contagem e visualização dos aspectos que se mostrassem mais recorrentes em cada uma delas. As letras maiúsculas usadas na codificação marcam, na maioria das vezes, o caso das estruturas que se seguem a uma pontuação terminativa.

Apresentamos a seguir o resultado geral da análise das postagens que integram o *corpus*, usando os parâmetros antes elencados para evidenciar a frequência das cláusulas circunstanciais, das relativas apositivas e das completivas não desgarradas e desgarradas.

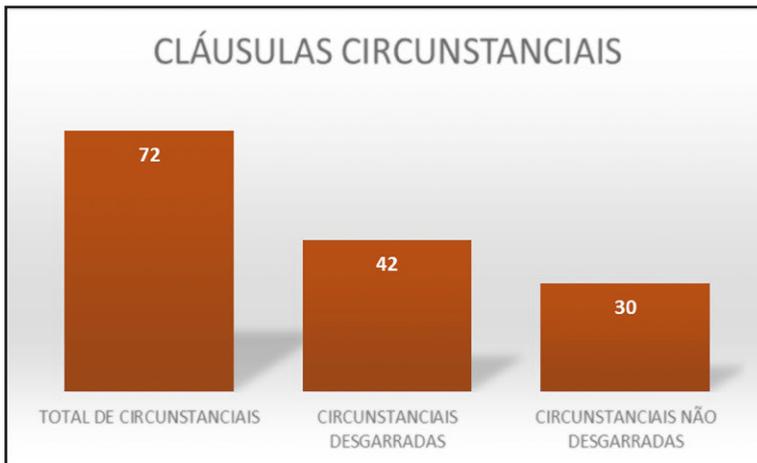
O gráfico 1 a seguir elucidada a frequência de ocorrência (*token*) das desgarradas, confirmando o que Rodrigues e Silvestre (2017) já haviam encontrado:

Gráfico 1 - distribuição das cláusulas no *corpus*



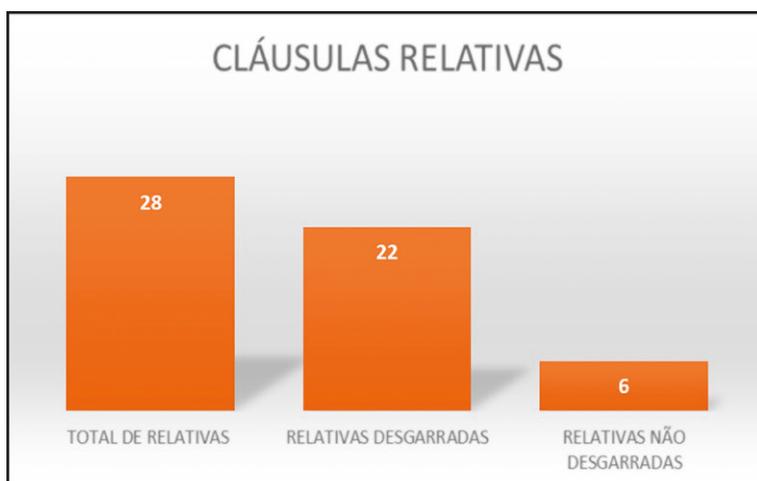
Com base no total geral das cláusulas desgarradas (410) e o comparando com o gráfico 2 em seguida, nota-se que a frequência de ocorrência das desgarradas circunstanciais não foi significativa nesse *corpus* – apenas 42 casos.

Gráfico 2 - distribuição das circunstanciais no *corpus*



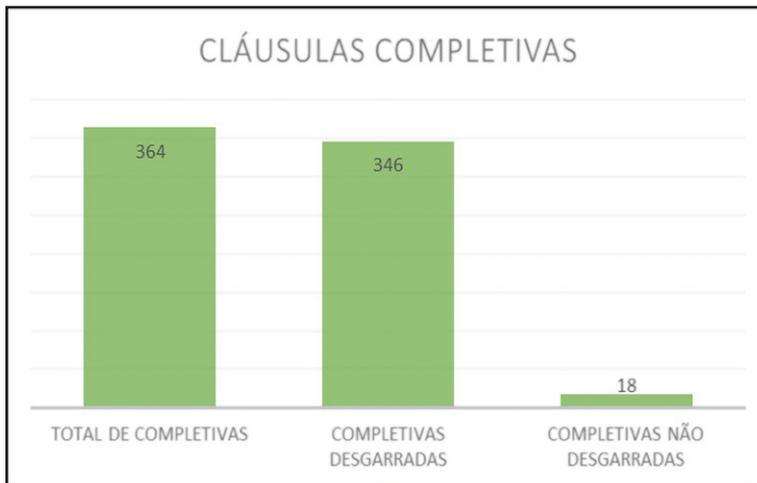
O mesmo comportamento no que tange à frequência *token* observa-se em relação às relativas desgarradas, com 22 ocorrências, conforme mostra o gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3 - distribuição das relativas no *corpus*



Ao se observar o caso das completivas desgarradas, nota-se o extremo oposto se comparado aos casos das circunstanciais e das relativas, anteriormente mostrados, ou seja, a alta frequência de ocorrência (346) ilustrada pelo gráfico 4 a seguir:

Gráfico 4 - distribuição das completivas no *corpus*



No caso das completivas desgarradas, além da alta frequência *token*, alguns aspectos chamaram a atenção. Conforme já acontecera em Rodrigues e Silvestre (2017), foi categórico³ o uso do conector *que* como introdutor dessas estruturas, bem como a relação semântico-pragmática expressa por elas – exortação, desejo, vontade. Reforça isso o uso do modo verbal subjuntivo, além da forma desenvolvida das cláusulas.

Assim, pode-se representar a completiva desgarrada pelo formato Que + SN + subjuntivo nas 346 ocorrências.

Portanto, segundo as análises empreendidas por Rodrigues (2019), defendemos a existência de completivas desgarradas e não desgarradas, relativas apositivas desgarradas e não desgarradas e circunstanciais desgarradas e não desgarradas. Além disso, propomos, depois das investigações elucidadas, com base em *corpora* diversos, a recategorização do fenômeno em desgarramento inerentemente pragmático, desgarramento contextual e desgarramento cotextual.

³ Por comportamento categórico entende-se os casos de parâmetros que são empregados na maioria dos dados e/ou em todos eles.

DESGARRAMENTO INERENTEMENTE PRAGMÁTICO, CONTEXTUAL E COTEXTUAL

Propusemos essas subcategorizações para o fenômeno, adaptando a distinção entre cotexto e contexto de Travaglia (1996, p. 70-85), Dahlet (2006, p. 103-107) e Bybee (2010) em que os linguistas caracterizam o contexto como se referindo aos aspectos extralinguísticos e cotexto aos aspectos estritamente linguísticos, embora saibamos que nem sempre tal separação seja fácil de ser feita.

Portanto, as principais diferenças em relação à proposta de Decat (1999, 2011) residem na especificidade da cláusula desgarrada em relação aos cotextos e contextos de uso(s) e na descrição das completivas. Muitas vezes, não há nenhuma materialização linguística antes dela, outras vezes, há, de alguma maneira, uma relação com uma porção de texto anterior e/ou parte da desgarrada (ou com um constituinte em particular) e, ainda, há casos em que os elementos extralinguísticos ajudam no estabelecimento da comunicação/interação. Vejamos, então, exemplos da análise proposta por Rodrigues (2019):

Exemplo 10:

Quadro 1



Do ponto de vista da linguagem verbal utilizada no quadro 1, temos a cláusula desgarrada *Que os dias felizes sejam mais longos*, que é iniciada por *que* e na qual não se verifica nenhum constituinte verbal para a estrutura se integrar, mas, no entanto, podemos inferir a ideia de desejo, vontade, segundo nosso conhecimento compartilhado de mundo. Isto ocorre porque, mesmo não havendo uma cláusula antes da desgarrada e nem o uso de um sinal de pontuação convencional separando-a de outra cláusula, o que atribui o *status* de desgarrada à informação pretendida é a possibilidade de inferirmos uma cláusula antes dela, que poderia ser *Eu desejo, eu espero...* Esse tipo de cláusula configura o que denominamos desgarrada inerentemente pragmática, aquela que funciona como uma unidade informacional totalmente desvinculada de uma cláusula nuclear. Até porque nem existe a cláusula núcleo nesse caso. A noção de inferência aqui adotada se refere aos significados que o ouvinte recolhe do enunciado, muito embora eles possam não estar diretamente expressos (cf. BYBEE, 2010, p. 58).

Muito frequentemente o significado é fornecido pelos contextos nos quais uma construção ocorre com frequência, levando à mudança. Palavras e construções que são usadas em determinados contextos tornam-se associadas a esses contextos. Se “what’s up?” ocorre frequentemente como a primeira expressão quando as pessoas se encontram, torna-se uma saudação e não requer mais uma resposta literal. Os ouvintes fazem inferências a partir do contexto em que as construções ocorrem, e essas inferências podem se tornar parte do significado da construção. (BYBEE, 2015, p. 10)¹

¹ The other major factor in language change is the way words or pattern of language are used in context. Very often the meaning supplied by frequently occurring contexts can lead to

No próximo exemplo, ilustramos uma desgarrada contextual, na qual se verifica uma relação da linguagem verbal com a não verbal:

Exemplo 11:

Postagem 4



Fonte: minha própria *timeline* do *Facebook*

Na postagem 4, a cláusula desgarrada *Que a noite seja de descanso e paz* tem seu sentido reforçado pela imagem de uma criança dormindo abraçada com seu bichinho de pelúcia.

Já o desgarramento cotextual é aquele em que o escrevente se vale de material linguístico anteriormente expresso para a atribuição de sentidos e que, portanto, não extrapolam o nível linguístico. Esta possibilidade é exemplificada a seguir:

Exemplo 12:

change. Words and constructions that are used in certain contexts became associated with those contexts. If *what's up?* occurs frequently as the first utterance when people meet one another, it becomes a greeting and no longer requires a literal answer. Listeners make inferences from the context in which constructions occur, and these inferences can become part of the meaning of the construction. (BYBEE, 2015, p. 10)

Postagem 5



Fonte: minha própria *timeline* do *Facebook*

Na postagem 5 é usada a completiva desgarrada *Que venha lindo...* Pelo contexto (linguagem verbal) é que se evidencia a relação da desgarrada com o mês de *setembro*, que se espera seja lindo e abençoado.

As análises revisitadas permitem-nos afirmar que cláusulas hipotáticas (circunstanciais e relativas apositivas) e completivas se materializam desgarradas. No que tange às completivas desgarradas, além do caso apontado por Decat (1999, 2011), há o caso não previsto por ela – o das inerentemente pragmáticas como *Que seu anjo da guarda te proteja*. – muito parecido com o exemplo do *corpus* da autora *Se eu ganhasse na Mega Sena*, ambas unidades informacionais, totalmente soltas, desvinculadas sintaticamente de sua suposta cláusula núcleo (principal), mas que podem ser inferidas por falantes de mesmo conhecimento partilhado de mundo e, claro, numa situação comunicativa e/ou interativa específica. A noção de inferência a seguir reforça ainda mais nossa proposta.

Segundo Martelotta (2011, p. 83),

[...] falante e ouvinte negociam sentido de maneira interativa, ou seja, o emissor, ao exercer o seu turno comunicativo, sugere que o receptor infra novos sentidos, trabalhando com dados contextuais específicos daquela situação de comunicação. Essa inferência ou implicatura pode ser meramente conversacional, ou seja, pode se manter naquele contexto de ambiguidade. Por outro lado, essa inferência pode se tornar convencional, ou seja, pode se generalizar incorporando-se às construções disponíveis no sistema, o que ocorre com a adoção definitiva do novo sentido e a extensão para contextos de uso mais gerais. (MARTELOTTA, 2011, p. 83)

A hipótese que Rodrigues (2019) desejava comprovar com esse trabalho, por meio de *corpora* compostos por mensagens de rede social, era a de que havia uma tendência de as completivas serem inerentemente pragmáticas e de as relativas apositivas serem cotextuais. Já as circunstanciais tanto se materializariam na forma inerentemente pragmática como contextual ou cotextual.

Os resultados da análise do *corpus* de Rodrigues (2019) evidenciaram um equilíbrio na frequência *token* das completivas inerentemente pragmáticas e cotextuais com 133 ocorrências cada uma, totalizando 266, e 80 ocorrências de contextuais.

INSUBORDINAÇÃO

O caso das completivas, como já dissemos, recebe tratamento diferenciado em Decat (1999, 2011), distinguindo, assim, a proposta dessa autora em relação à de Evans (2007), Mithun (2008), Verstraete, D’Hertefelt and Van Linden (2012), Cristofaro (2016), Rodrigues e Silvestre (2017) e Rodrigues (2019), que mereceu destaque antes.

Decat (2011, p. 42) afirma que as cláusulas completivas só se materializam desgarradas quando formam uma sequenciação parafrástica, reiterando ou repetindo estruturas sintáticas que ocorreram antes na cadeia discursiva, contribuindo para enfatizá-las e visando a objetivos comunicativo-interacionais.

Para Evans (2007), as completivas constituem exemplos de insubordinação, termo proposto pelo autor (cf. EVANS, 2007, p. 367) para se referir ao processo pelo qual se formam construções que são usadas de forma convencionalizada como oração principal, ainda que, num primeiro momento, assemelhem-se formalmente às subordinadas. Muitos trabalhos já foram e estão sendo desenvolvidos sobre o fenômeno, havendo pontos convergentes e divergentes em sua abordagem.

Dentre os vários linguistas que abordam as completivas insubordinadas, destacamos os trabalhos de Evans (2007), Mithun (2008), Verstraete, D’Hertefelt and Van Linden (2012) e Cristofaro (2016).

Segundo Evans (2007), a cláusula insubordinada é resultante de um processo diacrônico que vai desde a elipse da oração principal em uma estrutura anteriormente subordinada até o uso convencionalizado da cláusula subordinada como principal, que é então analisada como uma construção independente.

Mithun (2008) afirma que cláusulas dependentes podem se tornar independentes por meio de uma variedade de mecanismos e critica a proposta de insubordinação de Evans (2007) centrada no processo da elipse.

Para Mithun (2008), seguindo-se esta perspectiva, excluem-se casos que não podem ser explicados pela mera supressão da oração principal, processo que a autora chamou de extensão de dependência funcional (*dependency extension*). Nesses casos, Mithun (2008, p. 107) verifica que é difícil postular a elipse de uma principal, porque a cláusula insubordinada é vinculada ao discurso adjacente como um todo, e não a uma cláusula principal ausente. A extensão é um mecanismo por meio do qual uma cláusula subordinada passa a ser usada em contextos que não há cláusulas principais por causa de semelhança entre estes contextos e os contextos originais de ocorrência da oração subordinada. Portanto, o processo de extensão é motivado pela similaridade entre antigos e novos contextos de ocorrência da cláusula subordinada, independentemente de esses contextos envolverem ou não uma cláusula principal que as acompanhe.

Verstraete, D’Hertefelt and Van Linden (2012) mostram que as cláusulas insubordinadas possibilitam uma nova perspectiva sobre a análise da modalidade e avaliação linguísticas, com parâmetros semânticos não encontrados com verbos modais prototípicos. Segundo eles, a insubordinação é relevante para a interface entre sintaxe e pragmática, já que, como argumentado por Evans (2007, p. 393), considerações pragmáticas parecem desempenhar um papel importante no desenvolvimento dessas estruturas. Além disso, Verstraete, D’Hertefelt and Van Linden (2012) apontam, ainda, que a insubordinação é importante para a análise semântica de categorias gramaticais que se relacionam com a negociação de ação, atitudes e informações entre falante e interlocutor.

Cristofaro (2016) afirma que a noção de insubordinação é geralmente usada na literatura para se referir tanto a um padrão sincrônico, pelo qual uma cláusula independente é estruturalmente semelhante a uma subordinada, quanto a um processo diacrônico que supostamente dá origem a este padrão, pelo qual uma antiga cláusula subordinada vem a ser usada independentemente.

Segundo a linguista, Evans (2007) e Mithun (2008) propõem dois mecanismos gerais que levam uma cláusula subordinada a ser utilizada de forma independente: a elipse da cláusula principal em uma sentença complexa e a extensão da cláusula subordinada de certos tipos de sentenças complexas para outros contextos que têm propriedades pragmáticas similares, mas em que essas são usadas sem acompanhamento da cláusula principal.

Assim, para Cristofaro (2016), em sentido bastante amplo, pode-se entender a insubordinação como qualquer padrão em que uma cláusula independente é estruturalmente semelhante a uma subordinada e em que essa pode ser considerada como tendo se originado de alguns usos daquela.

Ainda de acordo com a autora, ao contrário do que é tradicionalmente assumido, padrões de insubordinação podem não refletir um fenômeno unificado, nem referente a cláusulas subordinadas. Na verdade, segundo ela, esses padrões são mais bem explicados como resultado de uma variedade de processos relativos à combinação de cláusulas em geral.

Além dos mecanismos de elipse e extensão propostos respectivamente por Evans (2007) e Mithun (2008), Cristofaro (2016) propõe o que denominou de desengajamento clausal. O desengajamento clausal é semelhante à extensão, como definido em Mithun (2008), na medida em que envolve uma expansão nos contextos de uso de cláusulas particulares (ao invés da eliminação de partes das construções de origem, como é o caso da elipse). Estas cláusulas são unidades completamente autônomas, não apenas sintaticamente, mas também semântica, pragmática e prosodicamente, na medida em que representam afirmações separadas com entonação autônoma, que elabora todo um trecho do discurso (ou algum tópico geral do discurso) em vez de alguma cláusula coespecífica.

Cristofaro (2016) afirma também que é possível que muitos casos de insubordinação que são tradicionalmente explicados em termos de elipse (mecanismo pelo qual uma cláusula principal é omitida em uma sentença complexa e a cláusula subordinada assume o significado originalmente associado à sentença como um todo) sejam, na verdade, um resultado de desengajamento de cláusula.

Ao longo deste texto (cf. RODRIGUES e SILVESTRE, 2017; RODRIGUES, 2019), vínhamos chamando as cláusulas completivas sem núcleo e que não formam uma sequenciação parafrástica de desgarradas inerentemente pragmáticas, análise distinta à de Decat (1999, 2011), partindo do presuposto de que o fenômeno tem uma motivação discursiva, o que justificou a subcategorização antes apresentada.

Alguns teóricos, como Evans (2007), consideram esses casos como de insubordinação, valendo-se da elipse da cláusula núcleo facilmente recuperável no cotexto e/ou contexto. A elipse, portanto, é considerada, para a maioria deles, como o principal mecanismo que leva à insubordinação, processo pelo qual parte de uma oração complexa assume o significado originalmente associado à construção como um todo, em que uma parte é omitida. A extensão e o desengajamento clausal, por outro lado, são baseados em um processo pelo qual propriedades particulares do contexto em que uma construção é originalmente usada tornam-se particularmente proeminentes ao longo do tempo e motivam uma expansão dos usos daquela construção para outros contextos que apresentam propriedades semelhantes. Essas descrições do fenômeno sugerem que a insubordinação não parece ser realmente um fenômeno único, mas resultado de vários processos distintos.

DESGARRAMENTO *VERSUS* INSUBORDINAÇÃO

Diante desse quadro teórico e levando em consideração a análise empreendida por Rodrigues (2019), optamos por denominar as completivas de desgarradas, portanto, mantendo a designação originalmente dada por Decat (1999), apenas nos casos em que houver algum material linguístico a ser recuperado, como se pode notar na postagem 7 a seguir. No entanto, cláusulas completivas em que não há material linguístico a ser recuperado em discurso adjacente são consideradas insubordinadas (cf. postagem 6 a seguir). Sendo assim, há completivas desgarradas e completivas insubordinadas, distinção essa que amplia ainda mais a análise de Rodrigues (2019). Entendemos, portanto, que a completiva insubordinada é uma cláusula que funciona como unidade informacional, geralmente constituída de sete a nove palavras, bastante frequente nas postagens do *Facebook*, cuja interpretação é feita inferencialmente, com base no conhecimento de mundo dos falantes na situação comunicativa. A configuração da completiva insubordinada pode ser representada por QUE + SN + Subjuntivo, conforme ilustra o exemplo seguinte:

Exemplo 13:

Postagem 6



Fonte: minha própria *timeline* do *Facebook*

A insubordinada *Que dezembro venha com toda sua mágica* expressa o desejo, a vontade do escrevente, mesmo sem a materialização linguística dessa vontade antes no cotexto. Diferentemente do que se verifica na postagem a seguir, em que as sete desgarradas enumeradas *Que a segunda seja breve*, *Que a terça seja leve*, *Que a quarta não demore*, *Que a quinta seja doce*, *Que a sexta não demore*, *Que a semana seja alegre* vinculam-se do ponto de vista linguístico e da informação ao SN *Uma ótima semana*.

Exemplo 14:

Postagem 7



Fonte: minha própria *timeline* do *Facebook*

Casos de completiva desgarrada com SV antes expresso, como o que se segue, não foram muito frequentes. Rodrigues e Silvestre (2017) encontraram apenas 1, que já foi mostrado anteriormente (cf. postagem 1), e Rodrigues (2019) encontrou 2 apenas. Um deles é o que se pode ver a seguir:

Exemplo 15:

Postagem 8



Fonte: minha própria *timeline* do Facebook

Na postagem anterior, a desgarrada *Que a sua noite seja tranquila e abençoada...* relaciona-se ao SV *permita*, separando-se dele por reticências, que, nesse caso, comportam-se como um sinal de pontuação terminativo.

APLICAÇÃO DAS ANÁLISES ANTES MOSTRADAS

Vejam agora se a análise das completivas com base no conceito de insubordinação pode ser ainda estendida para o caso das hipotáticas circunstanciais e relativas apositivas.

Exemplo 16:

Não sou contra o casamento, só sou contra a mulher fazer do casamento o objetivo de vida e sofrer com isso. Isso faz mal! Casamento saudável, faz mais bem que mal. A esposa e o marido, devem ser antes de tudo, amigos. # Não se case: *Por ter passado dos 30 anos. Por não ter mais opções. **Pra não ficar sozinha.** Porque ele tem grana. Porque ele é lindo. Porque ele tem um patrimônio incrível. Porque ele é empresário e a empresa só cresce. Porque ele tem carro. Porque ele fala várias línguas. Porque ele tem um corpão. Porque ele é o melhor partido. # Case-se: *Porque o tempo ao lado dele voa. Porque são amigos antes de serem namorados. Porque ele te olha com o mesmo olhar, quando você está gripada, com o rosto inchado.**

(*corpus NOW*¹, sec. XXI)

¹ O *corpus NOW* (Notícias na Web) contém dados de jornais e revistas *online* desde 2012 até a atualidade e pode ser acessado pelo endereço eletrônico <https://www.corpusdoportugues.org/>.

O exemplo anterior apresenta vários usos de desgarradas. Inicialmente, identificam-se duas desgarradas estabelecendo relação de causalidade antes de uma desgarrada introduzida por *pra* destacada em negrito: *Por ter passado dos 30 anos. Por não ter mais opções.* Além dessas, após a desgarrada estabelecendo relação de motivo, propósito e iniciada por *pra*, enumeram-se onze desgarradas estabelecendo relação de causalidade: *Porque ele tem grana. Porque ele é lindo. Porque ele tem um patrimônio incrível. Porque ele é empresário e a empresa só cresce. Porque ele tem carro. Porque ele fala várias línguas. Porque ele tem um corpão. Porque ele é o melhor partido. Porque o tempo ao lado dele voa. Porque são amigos antes de serem namorados. Porque ele te olha com o mesmo olhar, quando você está gripada, com o rosto inchado.* Esses usos desgarrados ratificam a intenção do escrevente de avaliar e enfatizar a sua argumentação sobre o tema do casamento por ele abordado.

O fragmento de texto exemplificado antes pertence ao gênero artigo de opinião, e nele notamos que o escrevente apresenta uma avaliação do casamento, manifestada pelas sequências argumentativas por ele empregadas. Assim, podemos dizer que as desgarradas utilizadas e destacadas pela pontuação (todas antecedidas pelo ponto final) contribuem para reforçar essa argumentação e são cotextuais, segundo proposta de Rodrigues (2019).

Já no *meme* a seguir, a desgarrada *Quando seu irmão menor fala “to namorando”* é contextual, ou seja, sem o apoio da imagem usada não é possível conferir sentido à linguagem verbal utilizada.

Exemplo 17:

Postagem 9



Fonte: minha própria *timeline* do Facebook

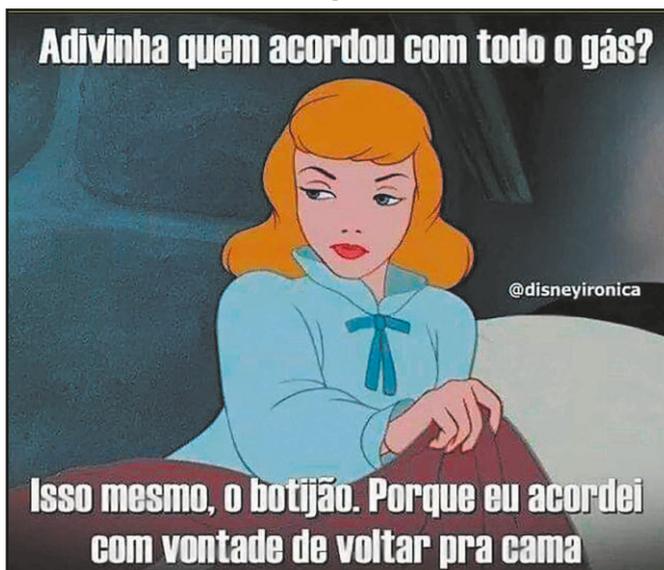
Na postagem 9, a desgarrada é usada no gênero textual *meme*. Cavalcante e Rodrigues (2018) analisaram 100 cláusulas hipotáticas circunstanciais temporais desgarradas em *memes* iniciados por *quando*, coletadas no *site* de pesquisa *Google* e na rede social *Instagram*. Segundo Silva (2006, p. 342):

Mais recentemente, o uso de um gênero do discurso virtual tem-se massificado de forma viral e avassaladora, especialmente nos sítios de relacionamento, como o *Facebook* e o *Twitter*. Trata-se do *meme* virtual. Os *memes* podem ser formados por imagens, por figuras, fotografias, frases, palavras-chave ou qualquer outro elemento que apresente um conteúdo irônico ou humorístico que se propague ou se replique na rede. Surgem, replicam-se e transformam-se na rede em uma velocidade impressionante, o que nos permite compará-los a um vírus que se espalha de forma epidêmica, contaminando um número impressionante de pessoas. (SILVA, 2006, p. 342)

Já o *meme* da postagem seguinte consegue seu efeito humorístico muito mais por meio do texto do que por meio do apoio da imagem. Assim, a desgarrada usada é cotextual:

Exemplo 18:

Postagem 10



Fonte: minha própria *timeline* do *Facebook*

Portanto, casos de desgarradas inerentemente pragmáticas, como a que se segue, conforme atestam Rodrigues e Fonseca (2019), são menos frequentes.

Exemplo 19:

Postagem 11



Fonte: minha própria *timeline* do *Facebook*

A desgarrada *Porque tudo o que vem de Deus, é leve, simples e cheio de paz*, embora esteja adjacente a uma imagem, não tem o estabelecimento de seu sentido vinculado a ela. Por meio de nosso conhecimento partilhado de mundo, é que podemos fazer inferências sobre que criações de Deus seriam essas. Assim, não podemos interpretá-la como um caso de insubordinada, porque não conseguimos evidenciar, por meio da elipse, como normalmente acontece com as completivas, que cláusula anterior poderia ter sido usada antes dela.

Na postagem a seguir, as desgarradas relativas apositivas *Onde o afeto é certo* e *Onde a paz floresce* são cotextuais; note-se que são muito semelhantes estruturalmente ao caso das completivas desgarradas na acepção de Decat (1999, 2011), porque foi empregado antes delas uma relativa não desgarrada *onde o coração descansa*. Com o uso das desgarradas o escrevente destaca ainda mais o SN *lugar*.

Exemplo 20:

Postagem 12



Fonte: minha própria *timeline* do Facebook

Souza (2016) investigou o uso das orações relativas positivas desgarradas em textos de domínio jornalístico (notícia, editorial de jornal, artigo de opinião e anúncio) que foram publicados durante os séculos XIX, XX e XXI, disponíveis *online* na página eletrônica dos Projetos *VARPORT*, *PEUL* e *PHPB*. Foram analisados 1.883 textos e foram encontrados 39 dados de cláusulas desgarradas, comprovando a existência do fenômeno na língua escrita em sincronias passadas.

Sousa (2020) descreve o uso das cláusulas relativas positivas utilizando dados coletados da amostra *Corpus do Português*, que reúne textos em Língua Portuguesa coletados entre 2015 e 2016 de variados gêneros publicados em diferentes *sites* lusófonos. A análise dos 700 dados de cláusulas pela autora comprovou que as relativas positivas desgarradas são subdivididas em dois tipos consoante o tipo de comentário que fazem: (i) descritivo e (ii) avaliativo. A desgarrada da postagem anterior serve para ilustrar o que essa autora denominou de comentário avaliativo.

Na propaganda da rede de lojas *Hortifruti* a seguir, identificamos um exemplo de relativa desgarrada contextual *O espigão que me amava*, que é introduzida por SN + QUE (*o espigão que*), segundo os pressupostos adotados aqui. Essa desgarrada constitui-se do SN *o espigão* e da oração relativa restritiva *que me*

amava, que não se vincula a uma principal, mas ao SN. Portanto, as relativas, quando constituintes, o são de um SN, que pode estar ou não em outra oração. Quando comentários, poderão ser comentários que incidem sobre toda a oração ou porção textual anterior, bem como podem incidir apenas sobre o SN (cf. MATEUS et alii, 2003).

Exemplo 21:

Propaganda 2

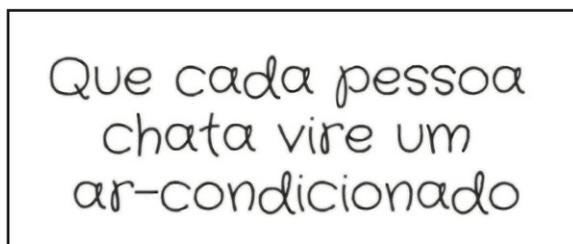


Segundo Decat (1999, 2011), as desgarradas relativas apositivas podem apresentar os formatos [. Que], [. O que/qual], [. N (prep) que], [. N + Esp + que], [. Onde], [. Cujo] e semântica de avaliação, retomada, adendo. Pela análise empreendida até aqui, não é possível também, nesse caso, aplicar-se o conceito de insubordinação.

A desgarrada *Que cada pessoa chata vire um ar-condicionado*, do exemplo 22, não se apoia a nenhuma imagem e tem o estabelecimento de seu sentido vinculado ao conhecimento partilhado de mundo pelos falantes e, a partir do que expomos, serão denominadas de insubordinadas a partir de agora.

Exemplo 22:

Postagem 13



Fonte: minha própria *timeline* do Facebook

Portanto, os resultados dos trabalhos aqui revisitados, bem como a aplicação dos conceitos de desgarramento e insubordinação, levam-nos a defender que em Português temos:

- cláusulas completivas desgarradas;
- cláusulas completivas não desgarradas;
- cláusulas completivas insubordinadas;
- hipotáticas relativas apositivas desgarradas;
- hipotáticas relativas apositivas não desgarradas;
- hipotáticas adverbiais desgarradas;
- hipotáticas adverbiais não desgarradas.

Respondendo, então, a pergunta título dada a esse livro, não se trata de desgarramento ou insubordinação, mas, sim, de desgarramento e insubordinação no Português. Assim, substituímos a conjunção *ou* pela conjunção *e* - cláusulas sem núcleo em Português: desgarramento e insubordinação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. Coordenação e Subordinação – uma proposta de descrição gramatical. **ALFA – Revista de Linguística**, São Paulo, v. 41, Fundação Editora da UNESP, 1997.

ARAÚJO, Júlio & LEFFA, Vilson (org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BASTOS, Karine Oliveira. **Trabalhando fora, estudando e cuidando da família: o desgarramento** de cláusulas hipotáticas circunstanciais e seu status no ensino. Dissertação. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/Programa de Letras Vernáculas/UFRJ, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: CUP, 2010.

BYBEE, Joan. Usage-based theory and exemplar representation of constructions. *In*: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: University Press, 2013.

BYBEE, Joan. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. **Veredas**: Conexões de orações, Juiz de Fora, v. 14/15. 2004.

CASTILHO, Ataliba de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2002.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza; RODRIGUES, Violeta Virginia. A estrutura argumental preferida de cláusulas hipotáticas circunstanciais Temporais ‘desgarradas’ em ‘memes quando’. **Gragoatá (UFF)**, v. 23, p. 518-543, 2018.

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. *In*: CHAFE, W.L. (ed.) **The Pear Stories**: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production. Norwood, Ablex, 1980.

CRISTOFARO, Sonia. Routes to insubordination: a cross-linguistic perspective. *In*: EVANS, N. E WATANABE, H. (eds.). **Insubordination**. Amsterdam and Philadelphia: J. Benjamins, 2016. Chapter 15. A cross-linguistic perspective.

CUNHA, C. S. **Entoação regional no português do Brasil**. Tese de doutoramento em língua portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Letras Vernáculas/UFRJ, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAHLET, Véronique. **As (Man)obras da pontuação**: usos e significações. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DECAT, M. Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *In*: **Scripta** (Linguística e Filologia), v. 2 n. 4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1999. 2.º sem, p. 23-38.

DECAT, M. Beatriz Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. *In*: DECAT, Maria Beatriz N. *et al.* **Aspectos da gramática do português**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

DECAT, M. Beatriz Nascimento. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editora, 2011.

DIK, S. **The Theory of Functional Grammar**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

EVANS, N. Insubordination and its uses. *In*: NIKOLAEVA, I. (ed.), **Finiteness**. Theoretical and Empirical Foundations. Oxford University Press, Oxford, 2007. p. 366-431.

FORD, Cecilia. **Variation in the intonation and punctuation of different adverbial clause types in spoken and written English**. Santa Bárbara Papers. Santa Bárbara, 1988.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1975.

GÓIS, Carlos. **Método de análise (léxica e lógica) ou sintaxe das relações**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia, 1943.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold Publishers Ltd., 1985.

HIRATA-VALE, F. B. M. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. **Revista Estudos Linguísticos**. v. 47, 2018.

MACHADO, Gustavo Benevenuti. **Multifuncionalidade e Desgarramento de Onde: uma abordagem funcionalista**. Dissertação. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Letras Vernáculas/UFRJ, 2017.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and ‘subordination’. *In*: HAIMAN; THOMPSON (ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (orgs.). **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

MITHUN, Marianne. The extension of dependency beyond the sentence. *In: Language*, volume 84, number 1, 2008. p. 69-119.

MORAES, J. A. The Pitch Accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. *In: Fourth Conference on Speech Prosody*, 2008, Campinas. Proceedings of the Speech Prosody. Campinas: Unicamp, p. 389-397.

MOURA NEVES, M. H. A extensão da análise dos elementos adverbiais para além da oração. *In: Revista da ANPOLL*, nº. 14, p. 125-137. São Paulo, 2003.

PIERREHUMBERT, J. **The phonology and phonetics of English intonation**. PhD Thesis. Massachusetts: M.I.T., 1980.

PIERRUMBET, J.; HISCHBERG, J. The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. *In: Intentions in communication*. MIT Press. Cambridge, 1990.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 6. ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1953.

RAPOSO, Eduardo B. P. *et al.* (orgs.). **Gramática do Português**, vol. II. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 40. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RODRIGUES, Violeta Virginia (org.). **Articulação de orações: pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

RODRIGUES, Violeta Virginia. “Desgarramento” das comparativas introduzidas por *que nem*. *In: OLIVEIRA, Taísa Peres de e SOUZA, Edson Rosa Francisco de. Guavira Letras: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Graduação e Pós-Graduação em Letras*. v. 12, n. 1 (2011). Três Lagoas, MS, 2011. p. 104-112.

RODRIGUES, Violeta Virginia (org.). **Articulação de orações: pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

RODRIGUES, V. V.; SILVESTRE, A. P. S. Desgarramento: um novo olhar. *In: ARENA, Ana Beatriz et alii* (org.). I CCO, 2016, Niterói/RJ. *In: Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações*. p. 217-237. Niterói: Letras/UFF, 2017. Disponível: <https://uffcco.files.wordpress.com/2017/12/anais-do-i-seminc3a1rio-do-cco-pubcac3a7c3a3o-com-isbn.pdf>.

RODRIGUES, Violeta Virginia; FONTES, A. M. O desgarramento de orações adverbiais nos roteiros de cinema. *In: COELHO, Fábio André Cardoso; SILVA, Jefferson Evaristo do Nascimento; CONFORTE, André Nemi* (org.). **Descrição e ensino de Língua Portuguesa: temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018, v. 6, p. 615-629.

RODRIGUES, Violeta Virginia. O desgarramento de orações completivas no Facebook. *In: Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações* *In: ARENA, Ana Beatriz, ROSÁRIO, Ivo da Costa do, AGUIAR, Milena Torres de e LOPES, Monclar Guimarães*. Niterói: Letras da UFF, 2019, v. 1, n.2. 352 p.

RODRIGUES, Violeta Virginia. **Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição** (org.). São Paulo: Blucher, 2019.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Cláusulas desgarradas e seu(s) uso(s). *In: RODRIGUES, Violeta Virginia. Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição* (org.). São Paulo: Blucher, 2019. P. 113-142.

RODRIGUES, Violeta Virginia; FONSECA, Paula Rhaquel Silva Souza da. Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook. *In: RODRIGUES, Violeta Virginia. Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição* (org.). São Paulo: Blucher, 2019. p. 143-170.

RODRIGUES, Violeta V.; SILVESTRE, A. P. S. Desgarramento de cláusulas hipotáticas: interface sintaxe-prosódia. **Estudos linguísticos: perspectivas interdisciplinares**. Vitória: EDUFES, 2019, v. 1, p. 359-378.

SILVA, A. A. *Memes* virtuais: gênero do discurso, dialogismo, polifonia e heterogeneidade enunciativa. **Revista Travessias**. Cascavel – PR – Unioeste. v. 10, n. 6, p. 341-361, 2016.

SILVESTRE, A. P. S. **Se eu tirar um A na Violeta**: Sobre o comportamento prosódico de cláusulas hipotáticas adverbiais desgarradas. Trabalho apresentado ao programa de pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

SILVESTRE, A. P. S. **A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras**. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Programa de Letras Vernáculas/UFRJ, 2012.

SILVESTRE, A. P. S.; RODRIGUES, V. V. O desgarramento de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. *In*: XXV Jornada Nacional do GELNE, 2014, Natal - RN. **Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE**. Campus Lagoa Nova - Natal - RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN, 2014. v. 1. p. 1-11.

SILVESTRE, A. P. S. **Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...**: desgarramento e Prosódia no português brasileiro e no português europeu. Tese. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Letras Vernáculas/UFRJ, 2017.

SILVESTRE, Rachel de Carvalho Pinto Escobar. **A polifuncionalidade do conector para**. Dissertação. Rio de Janeiro: Faculdade de letras, Programa de Letras Vernáculas/UFRJ, 2017.

SILVESTRE, Rachel de Carvalho Pinto Escobar; RODRIGUES, Violeta Virginia. Cláusulas com *para* e sua multifuncionalidade. **Entrepalavras**: Fortaleza, 2017.

SOUZA, Elenice Santos de Assis Costa. **A interpretação das cláusulas relativas no português do Brasil: um estudo funcional**. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009.

SOUZA, Elenice Santos de Assis Costa. Cláusulas relativas: um caso de interface entre sintaxe e prosódia. **ReVEL**. v. 8, n. 15. 2010.

SOUZA, Karen Pereira Fernandes de. **“Exposição de moveis | A qual se fechará brevemente”**: Estudo de cláusulas relativas apositivas “desgarradas” em textos jornalísticos. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2016.

SOUZA, Karen Pereira Fernandes de. **A influência da interpessoalidade nas cláusulas relativas apositivas “desgarradas” segundo a Gramática Sistêmico-Funcional**. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2020.

STASSI-SÉ, Joceli Catarina. **Subordinação discursiva no Português à luz da Gramática Discursivo-Funcional**. São José do Rio Preto, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, 2012. Tese de doutorado em Estudos Linguísticos.

SONCIN, Geovana; TENANI, Luciani. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. *In: Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 473-493, jul./dez. 2015.

TENANI, Luciani. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. *In: Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 231-245, jan./jun. 2008. p. 233-245.

TAYLOR, John R. **Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

VERSTRAETE, J., D’HERTEFELT, S., VAN LINDEN, A. A typology of complement insubordination in Dutch. *In: Studies in Language*. n. 36 (1), 2012. p. 123-153.

